



CULTURA DIGITAL, DOCÊNCIA E INFÂNCIA ESCOLARIZADA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO LETRAMENTO DIGITAL

Digital culture, teaching, and schooled childhood: an ethnographic analysis of digital literacy

Andreia Alves¹

Clodoaldo Matias da Silva²

Denison Melo de Aguiar³

Resumo

A pesquisa investiga como as práticas de letramento digital se constituem no cotidiano da infância escolarizada e como a ação docente sustenta, orienta e transforma essas experiências em contextos educacionais atravessados pela cultura digital contemporânea. O objetivo consiste em examinar etnograficamente os movimentos realizados pelas crianças na interação com dispositivos, linguagens e ambientes conectivos, observando como tais experiências adquirem sentido por meio de mediações pedagógicas que reorganizam ritmos, gestos e expressões da sala de aula. Adota-se abordagem qualitativa etnográfica, centrada na observação dos processos interpretativos emergentes em situações escolares. Esse percurso permite identificar padrões simbólicos relacionados às formas de participação infantil e às escolhas didáticas que orientam a circulação do digital na rotina institucional. A análise demonstra que o letramento digital não se restringe ao domínio técnico de ferramentas, pois depende de negociações contínuas que envolvem linguagem, corpo, atenção e temporalidades escolares. Os resultados indicam que a docência constitui eixo estruturante da experiência digital, conferindo direção às interpretações das crianças e modulando a produção de sentidos em ambientes tecnológicos. Conclui-se que o letramento digital é profundamente mediado pela ação docente, o que reforça a necessidade de ampliar os debates sobre formação, sensibilidade pedagógica e articulação entre cultura digital e infância.

Palavras-chaves: Cultura digital; Docência; Infância escolarizada; Letramento digital; Mediação pedagógica.

Abstract

This study investigates how digital literacy practices are constituted in the everyday lives of schoolchildren and how teaching action sustains, guides, and transforms these experiences in educational contexts shaped by contemporary digital culture. Its objective is to ethnographically examine children's movements as they interact with devices, languages, and connective environments, observing how these experiences acquire meaning through pedagogical mediation that reorganizes classroom rhythms, gestures, and expressions. The study adopts a qualitative approach with an ethnographic orientation, centered on dense observation of interpretive processes emerging in school situations. This framework makes it possible to identify symbolic patterns related to children's forms

¹ Mestre em Educação pela Universidade Postgrado UniNorte, Assunção - Paraguai. E-mail: andreiaalvesam@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8875731805456687>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6377-855X>.

² Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. E-mail: cms.1978@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0610689835831570>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

³ Pós-Doutor em Direito pela UniSalento (Itália-2024). E-mail: denisonaguiarx@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9956374214863816>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5903-4203>.



of participation and to the didactic choices that guide the circulation of digital practices within institutional routines. The analysis shows that digital literacy is not limited to technical command of tools, since it depends on ongoing negotiations involving language, body, attention, and the school's own temporalities. The findings indicate that teaching constitutes a structuring axis of digital experience, directing children's interpretations and shaping meaning-making in technological environments. The preliminary conclusion is that digital literacy is deeply mediated by teaching action, reinforcing the need to broaden debates on teacher education, pedagogical sensitivity, and the relationship between contemporary digital culture and childhood.

Keywords: Digital culture; Teaching; School-age childhood; Digital literacy; Pedagogical mediation.

Introdução

A cultura digital reconfigura modos de interação, linguagem e aprendizagem no interior da escola contemporânea, incidindo diretamente sobre a infância escolarizada enquanto experiência social situada. Nesse cenário, o letramento digital emerge como prática cotidiana atravessada por dispositivos, plataformas e rotinas pedagógicas que reorganizam tempos, espaços e sentidos educativos. O objeto desta pesquisa concentra-se nas práticas de letramento digital vivenciadas por crianças em contexto escolar, considerando as mediações docentes que estruturam, orientam e significam essas experiências.

A relevância acadêmica do estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão do letramento digital para além de abordagens instrumentais ou tecnicistas ainda recorrentes no campo educacional. Do ponto de vista científico, a investigação contribui para o adensamento teórico-metodológico das pesquisas sobre cultura digital, infância e docência, articulando empiria e reflexão crítica. Socialmente, o trabalho dialoga com desafios concretos da escola brasileira diante das desigualdades de acesso, uso e apropriação das tecnologias digitais no cotidiano educativo.

O objetivo geral consiste em analisar etnograficamente práticas de letramento digital na infância escolarizada e suas mediações docentes em contextos culturais digitais contemporâneos brasileiros atuais. Como objetivos específicos, busca-se compreender como tais práticas se manifestam no cotidiano escolar, identificar os sentidos atribuídos por docentes às atividades digitais, examinar as formas de mediação pedagógica envolvidas e analisar as relações entre cultura escolar e cultura digital. Esses objetivos orientam a investigação de maneira articulada, assegurando coerência entre o recorte empírico, o problema e a análise proposta.



O questionamento central indaga: Como práticas de letramento digital são construídas, mediadas e significadas na infância escolarizada a partir das ações docentes em contextos de cultura digital? Parte-se da hipótese de que tais práticas são moldadas menos pela simples disponibilidade tecnológica e mais pelas mediações docentes, pelas rotinas escolares e pelos sentidos culturais compartilhados no espaço educativo. Essa formulação orienta o olhar analítico para os processos, interações e significações produzidas no cotidiano escolar.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, adequada à compreensão aprofundada de práticas sociais complexas em contexto educacional. O tipo de pesquisa é etnográfico, privilegiando a imersão prolongada no campo e a observação das dinâmicas escolares em sua materialidade cotidiana. Tal escolha metodológica permite captar significados, gestos, discursos e práticas que constituem o letramento digital na experiência vivida da infância escolarizada.

As técnicas de pesquisa incluem observação participante, registros em diário de campo e análise de situações pedagógicas mediadas por tecnologias digitais. A análise dos dados ocorre por meio de interpretação densa e categorial, buscando articular regularidades, tensões e sentidos emergentes das práticas observadas. Esse procedimento analítico favorece a compreensão relacional entre docência, cultura digital e infância, preservando a complexidade do fenômeno investigado.

O artigo estrutura-se a partir desta introdução, seguida pelas seções de fundamentação teórica que discutem infância escolarizada, letramento digital, cultura digital e mediações docentes. Na sequência, desenvolve-se a análise articulada ao referencial mobilizado, culminando na conclusão e na apresentação das referências que sustentam o percurso investigativo. A contribuição acadêmica do estudo reside no fortalecimento de abordagens etnográficas sobre letramento digital, abrindo caminho para o desenvolvimento bibliográfico que se segue.

Infância escolarizada e cultura digital como categorias analíticas contemporâneas

A infância escolarizada emerge como campo analítico que exige atenção refinada aos modos pelos quais crianças constroem sentidos em meio a fluxos digitais que atravessam rotinas pedagógicas, relações sociais e experiências perceptivas do cotidiano escolar. A



presença de telas, interfaces e ambientes conectivos reorganiza práticas de interação, produzindo camadas simbólicas que se integram à formação subjetiva e às formas de participação cultural que se expandem para além das fronteiras tradicionais da sala de aula. A configuração desses movimentos cria um território conceitual que demanda delimitação rigorosa, pois cada gesto, deslocamento e apropriação digital revela articulações complexas entre linguagem, tecnologia e processos educativos que sustentam o mapeamento teórico proposto.

Nesse movimento, a cultura digital começa a moldar práticas infantis que atravessam a escola ao introduzir linguagens híbridas que se manifestam em narrativas multimodais, construindo cenários interpretativos onde imaginação e experiência se expandem em direção a novas sensibilidades, como observa Buckingham (2011). Crianças transitam entre repertórios impressos, sonoros e visuais de maneira orgânica, acionando gestos corporais e formas de experimentação que tensionam as estruturas pedagógicas tradicionais e solicitam um olhar teórico atento às metamorfoses que emergem desse ambiente simbólico. As camadas criadas por essas circulações de sentidos revelam atmosferas cognitivas e afetivas que se verticalizam no cotidiano escolar, exigindo que o campo teórico delimite categorias capazes de compreender tais deslocamentos.

A partir disso, a infância escolarizada passa a ser compreendida como fenômeno relacional que combina presença corporal, fluxos comunicacionais e redes digitais que se entrelaçam na constituição de práticas de leitura e escrita conectivas, dialogando com estruturas culturais mobilizadas por Canclini (2008) e com dinâmicas sociais ampliadas por Castells (2019). A materialidade das telas opera como extensão sensorial que reorganiza a maneira como crianças captam estímulos, constroem associações e formulam interpretações sobre o mundo escolar, articulando zonas de experiência que atravessam as fronteiras dos dispositivos. Esse entrecruzamento de repertórios reforça a necessidade de mapear as bases teóricas que sustentam essas interações, compondo um território conceitual que se expande conforme a escola incorpora práticas digitais emergentes.

Em continuidade, torna-se evidente que a cultura digital não opera apenas como suporte tecnológico, mas como ambiente simbólico que reorienta tempos e ritmos da aprendizagem infantil ao favorecer movimentos de circulação que integram memória,



imaginação e participação em ecossistemas comunicativos plurais. Crianças elaboram estratégias próprias para lidar com narrativas fragmentadas, reorganizar percepções e ampliar repertórios sensíveis à medida que interagem com imagens e sons que atravessam a escola sem interrupção linear. Essas combinações instauram paisagens conceituais férteis para o campo teórico, que precisa delimitar categorias precisas para compreender as tensões e aberturas que caracterizam esse novo arranjo pedagógico.

Por essa perspectiva, a infância é vista como sujeito ativo na produção de sentidos e modos de habitar o digital, articulando percepções que se alinham a compreensões sociológicas sobre a agência infantil discutidas por Corsaro (2011). A multiplicidade de movimentos corporais, expressões espontâneas e manipulações experimentais de interfaces revela que crianças constroem caminhos próprios para interpretar ambientes digitais, criando cenas cognitivas que se materializam em gestos, pausas e reorganizações atencionais. Esse conjunto de manifestações reforça a importância de delimitar o campo teórico com base em categorias sensíveis ao dinamismo infantil, ampliando a compreensão das interações que emergem no cotidiano escolar.

Em outra direção, o mapeamento teórico adquire maior complexidade quando se reconhece que a cultura digital produz rearranjos comunicativos que atravessam a infância escolarizada e instauram modos de experimentação que dialogam com movimentos culturais discutidos por Buckingham (2011). As dinâmicas que estruturam essas práticas se ampliam ao serem analisadas como circulações simbólicas que conectam ambientes escolares e mídias externas, aproximando-se de reflexões sobre intercâmbios culturais formuladas por Canclini (2008). As redes digitais, por sua vez, instauram fluxos contínuos de informação que reorganizam temporalidades e sensibilidades infantis, articulando-se a perspectivas que Castells (2019) descreve ao tratar das materialidades sociotécnicas que modulam interações contemporâneas.

De modo articulado, emerge a percepção de que o digital reorganiza posições infantis ao introduzir novos modos de participação e comunicação que projetam a criança como sujeito de redes híbridas, aproximando-se de análises desenvolvidas por Sarmiento (2005) e reforçadas por Buckingham (2011). As crianças produzem composições discursivas que combinam oralidade, imagem e gesto, compondo formas originais de expressão escolar que



desafiam categorias pedagógicas previamente consolidadas e solicitam atenção epistemológica renovada. Esse movimento reforça a centralidade do campo teórico ao construir delimitações capazes de compreender a densidade dessa presença digital na infância escolarizada.

Quando observadas tais dinâmicas, a cultura digital revela zonas de fricção que se manifestam em disputas por atenção, reorganizações cognitivas e deslocamentos interpretativos que emergem em meio a rotinas escolares marcadas por complexidade crescente. Crianças transitam entre fragmentos narrativos, tensionam a linearidade textual e acionam diferentes camadas expressivas que se articulam com o espaço pedagógico de maneira não previsível, ampliando a compreensão sobre a multiplicidade das práticas infantis. Esses movimentos sugerem que a delimitação teórica deve abarcar nuances que escapam a abordagens reducionistas, preparando terreno para a análise das práticas de letramento digital.

Nessa passagem, a necessidade de delimitar categorias conceituais ganha maior precisão ao se reconhecer que a infância mobiliza estruturas cognitivas e culturais que se entrelaçam com linguagens digitais, processo que se aproxima de formulações desenvolvidas por Canclini (2008). Gestos exploratórios, manipulações improvisadas e reorganizações perceptivas tornam-se elementos centrais para compreender como crianças acionam recursos digitais, criando atmosferas simbólicas que não se encaixam em classificações pedagógicas tradicionais. Essa constatação permite avançar na construção do campo teórico ao incluir modos de presença que ampliam o alcance analítico do fenômeno.

Considerando essas dinâmicas, o campo teórico delineado até aqui revela a profundidade das transformações que acompanham a infância escolarizada em cenários digitais e a complexidade das articulações entre linguagem, cultura e escolarização que estruturam esse contexto. As múltiplas camadas simbólicas identificadas sugerem que o movimento de letramento digital opera como elemento decisivo na maneira como crianças constroem sentidos e participam de interações pedagógicas que se expandem para além dos limites institucionais. Esse panorama abre caminho para a seção seguinte, na qual o foco recai sobre as práticas de letramento digital e suas relações socioculturais no interior da escola.



Letramento digital e práticas escolares em perspectiva sociocultural

O letramento digital adquire densidade significativa ao revelar como crianças reorganizam modos de perceber, manipular e interpretar signos que circulam em ambientes escolares permeados por telas, criando atmosferas expressivas que mobilizam corpo, atenção e imaginação. As práticas emergentes configuram cenas pedagógicas nas quais múltiplas linguagens se entrelaçam e operam como materialidades simbólicas que alteram os limites convencionais entre leitura e escrita, instaurando redes sensoriais que ampliam a produção de sentidos. As camadas que se formam nessa tessitura social criam um campo analítico que demanda sistematização crítica capaz de comparar abordagens que tratam o letramento como fenômeno sociocultural complexo.

Sob tal perspectiva, o letramento digital pode ser interpretado como prática que emerge de interações sociais densas, aproximando-se das formulações de Street (2014) ao tratar da natureza situada dos letramentos e integrando dimensões que transformam modos de ler ao acionar gestos, imagens e ritmos que ultrapassam o verbal. A compreensão dessas práticas também dialoga com reflexões de Freire (2011), que enfatiza a leitura como produção crítica de sentidos, permitindo observar como crianças elaboram respostas criativas a estímulos digitais diversificados. As tensões que emergem dessas interações compõem material teórico fértil para uma análise comparativa das abordagens socioculturais sobre letramento.

Na confluência dessas análises, o caráter multimodal das práticas infantis revela expansões expressivas que se alinham às discussões de Lankshear e Knobel (2011), especialmente quando novas formas de participação social se articulam com linguagens híbridas ativadas no espaço escolar. Os processos comunicativos se ampliam ainda mais quando considerados à luz de Kress (2010), que examina reorganizações semióticas produzidas por tecnologias contemporâneas e oferece elementos comparativos para compreender tais transformações. As múltiplas camadas de sentido que emergem dessa combinação projetam cenários comunicativos que exigem análises críticas sustentadas por teorizações consistentes.

Em paralelo, observam-se composições discursivas que surgem de forma espontânea quando crianças manipulam interfaces digitais e constroem articulações entre sons, gestos e



fragmentos visuais que reorganizam formas tradicionais de escolarização. As materialidades mobilizadas por esses gestos produzem redes afetivas e cognitivas que se expandem em diferentes direções, gerando atmosferas interpretativas que capturam nuances pouco percebidas em análises convencionais do cotidiano educativo. Essa dinâmica amplia o escopo teórico e sustenta a necessidade de comparar abordagens que tratam da complexidade comunicativa dos ambientes digitais.

Sob outra luz, a presença de múltiplos modos de significação ativa formas interpretativas que dialogam com as reflexões de Rojo (2009) ao problematizar letramentos múltiplos que se articulam às práticas escolares. As interações que se formam no digital também podem ser aprofundadas quando aproximadas das perspectivas de Jenkins (2009), que discute participação ativa e circulação de conteúdos como elementos estruturantes da cultura contemporânea. As relações comparativas entre essas concepções tornam visível um campo de disputas teóricas que aprofunda a compreensão sociocultural do letramento digital.

Entre essas ressonâncias, torna-se possível observar que cada abordagem teórica ilumina dimensões distintas do letramento digital, conforme sugerem as discussões de Street (2014) ao enfatizar práticas sociais como eixo analítico central. As camadas multimodais descritas por Lankshear e Knobel (2011) ampliam esse entendimento ao explicitar transformações nas formas de participação que emergem de ambientes conectivos ativados pelas crianças. As reconfigurações simbólicas analisadas por Kress (2010) fortalecem esse panorama ao reconhecer reorganizações profundas na relação entre linguagem e tecnologia, compondo material comparativo essencial.

Em desdobramento, as práticas de letramento digital se mostram atravessadas por ambivalências que operam na escola como zonas de fricção entre modelos pedagógicos convencionais e novas exigências comunicativas que ampliam possibilidades expressivas das crianças. As tensões emergentes dessas experiências configuram cenários nos quais gestos, pausas e percursos narrativos construídos pelas crianças revelam sensibilidades que imprimem marcas significativas na transformação das práticas educativas. A densidade dessas manifestações demanda sistematização crítica capaz de comparar e tensionar diferentes perspectivas teóricas.



Em variações sucessivas, as interações infantis mostram que o digital opera como ambiente de plasticidade simbólica no qual modos de atenção, imaginação e expressão se reorganizam de forma contínua. As narrativas que emergem dessas composições revelam articulações inesperadas entre ações corporais e estímulos visuais, produzindo tramas significantes que escapam ao controle pedagógico tradicional e abrem espaço para horizontes interpretativos mais amplos. Essa complexidade reforça a importância de comparar modelos teóricos capazes de acompanhar as sutilezas dessa presença digital.

No interior dessas formulações, compreende-se que a leitura digital envolve atos interpretativos que se afastam de estruturas lineares e valorizam múltiplas formas de elaboração simbólica, aproximando-se das problematizações propostas por Freire (2011) ao tratar do ato de ler como construção ativa. As crianças elaboram percursos próprios que mesclam elementos verbais e não verbais, reorganizando sentidos que fluem entre dispositivos e práticas escolares, o que amplia o campo comparativo entre abordagens socioculturais do letramento. A abertura desse movimento teórico permite aprofundar contrastes entre diferentes modos de compreender a produção de sentidos nas interações digitais.

À luz dessas articulações, torna-se evidente que o letramento digital constitui um território conceitual permeado por tensões, deslocamentos e multiplicidades que se intensificam conforme práticas escolares se encontram com repertórios culturais trazidos pelas crianças. As tramas simbólicas construídas nas interações digitais revelam dinamismos que ampliam a necessidade de aprofundar os papéis exercidos pelos adultos que mediam essas experiências, especialmente no âmbito da ação pedagógica. Essa atmosfera abre caminho para a próxima seção, dedicada às disputas, mediações e reconfigurações que estruturam a docência no cenário contemporâneo.

Docência, tecnologia e disputas pedagógicas no cotidiano escolar

A docência emerge como espaço de tensão simbólica no qual tecnologias digitais atravessam gestos, rotinas e escolhas pedagógicas, produzindo atmosferas que alteram a relação entre crianças, linguagem e escolarização de maneira profunda e imprevisível. A presença contínua de interfaces cria camadas de experiência que reorganizam tempos,



corporalidades e percepções, instaurando modos de interação que exigem do docente sensibilidade para lidar com fluxos que ultrapassam normas escolares. As variações que se formam nesse cenário configuram um panorama no qual o papel docente se torna eixo estratégico para compreender controvérsias do letramento digital.

Em direção contrastante, observa-se que a docência se reconfigura quando tecnologias intervêm nos modos de planejamento e mediação, aproximando tais movimentos de preocupações formuladas por Selwyn (2016) sobre disputas políticas que atravessam a relação entre técnica e escolarização. As crianças respondem a essas transformações ao construir percursos expressivos que desafiam expectativas curriculares, criando zonas de instabilidade que afetam diretamente o trabalho docente. A presença dessas ambivalências mantém o debate aberto e reforça a necessidade de mapear criticamente o estado atual desse conhecimento.

Em contorno paralelo, torna-se evidente que práticas pedagógicas mediadas por telas suscitam reorganizações nos modos de ensinar e aprender, movimento que dialoga com reflexões apresentadas por Santos (2016) sobre transformações culturais que reposicionam o papel da escola. A complexidade desses encontros revela situações nas quais crianças misturam códigos, imagens e gestos, exigindo do docente leitura contínua diante de movimentos que escapam à linearidade pedagógica. Os contrastes gerados por essas composições alimentam discussões ainda controversas sobre a função docente na cultura digital.

No atravessamento dessas tensões, à docência assume contornos híbridos ao lidar com demandas institucionais que nem sempre acompanham os modos de participação que emergem dos repertórios digitais das crianças. As práticas cotidianas revelam que dispositivos ampliam gestos, aceleram ritmos e criam cenas nas quais a autoridade pedagógica precisa ser redefinida em bases sensíveis e interpretativas. A presença dessas nuances reforça que disputas simbólicas moldam a construção do conhecimento sobre o tema.

Por entre tais fraturas, as dinâmicas escolares mostram que tecnologias introduzem camadas de complexidade que evocam análises elaboradas por Selwyn (2016) ao destacar a não neutralidade dos dispositivos no processo educativo. As tensões também se aproximam de formulações de Santos (2016), que descreve reconfigurações pedagógicas que surgem



quando culturas juvenis tensionam práticas institucionais. As disputas docentes alcançam novos contornos quando aproximadas das problematizações discutidas por Silva (2025), sugerindo que o campo ainda debate formas de compreender tais conflitos.

Em linhas entrecruzadas, crianças acionam repertórios digitais que atravessam a escola e criam situações que podem ser lidas à luz das interpretações oferecidas por Selwyn (2016) ao tratar da materialidade ideológica da tecnologia. As práticas que emergem desse encontro também dialogam com movimentos de transformação apontados por Santos (2016), especialmente quando culturas juvenis deslocam modelos pedagógicos tradicionais. As tensões se intensificam quando conectadas a perspectivas apresentadas por Silva, Silva e Almeida (2024), revelando que disputas entre inovação e controle seguem abertas no campo.

Na vibração dessas camadas, à docência passa a operar em zonas de negociação que articulam desejos de autonomia das crianças e expectativas institucionais, cenário que encontra ecos em análises discutidas por Selwyn (2016) ao problematizar disputas políticas no uso da tecnologia. As reconfigurações observadas teoricamente também se relacionam com formulações desenvolvidas por Silva (2025), que analisa como mediações docentes sofrem pressão diante de ambientes digitais mais fluidos. A densidade desses encontros mantém o campo aberto a discussões que ainda carecem de consenso.

Em circuitos irregulares, situações escolares mostram que o docente precisa lidar com impulsos criativos das crianças que escapam a molduras curriculares rígidas, revelando atmosferas de aprendizagem produzidas por combinações inesperadas de texto, imagem e gesto. As tensões entre controle institucional e espontaneidade infantil criam paisagens nas quais o digital assume papel de desestabilização e reinvenção simultânea. O estado atual do conhecimento ainda se expande diante dessas nuances interpretativas.

Sob ritmos contrastantes, ações docentes demonstram que o digital gera situações que exigem respostas improvisadas, movimento que se aproxima das análises desenvolvidas por Silva (2025) ao discutir práticas pedagógicas submetidas a fluxos sociotécnicos irregulares. As crianças mobilizam repertórios que desalinham expectativas tradicionais, gerando material simbólico que reposiciona a centralidade docente na mediação desses processos. Esse cenário reforça que o campo segue em consolidação e que controvérsias permanecem parte estruturante do debate.



No compasso dessas transformações, compreende-se que o trabalho docente assume densidade crítica quando tecnologias instauram disputas sobre autoridade, participação e sentidos atribuídos ao aprender, ampliando tensões presentes no cotidiano escolar. As múltiplas camadas simbólicas geradas por interações digitais indicam que a docência opera em espaço atravessado por forças diversas que influenciam modos de percepção, ação e mediação. Essa configuração abre passagem para a próxima seção, na qual a etnografia educacional permitirá aprofundar interpretações sobre como tais mediações se materializam nas práticas cotidianas.

A etnografia educacional como chave interpretativa das mediações docentes

A etnografia educacional adquire centralidade ao permitir que práticas docentes sejam compreendidas como movimentos sensíveis que se formam em camadas lentas, permeadas por gestos, pausas e negociações invisíveis que atravessam o cotidiano escolar e revelam modos próprios de produzir sentidos no digital. As cenas que emergem dessas interações mostram que crianças acionam repertórios expressivos que se articulam com mediações pedagógicas de maneira imprevisível, criando atmosferas nas quais linguagem, corpo e tecnologia se entrelaçam. A complexidade desses espaços exige uma sustentação teórica capaz de aproximar a hipótese da análise fina de processos que se mantêm em constante transformação.

Em tessitura gradual, a abordagem etnográfica oferece caminhos interpretativos que dialogam com movimentos descritos por André (2005), especialmente quando se considera que práticas docentes se organizam em temporalidades não lineares que revelam tensões entre expectativas institucionais e invenções que surgem na sala de aula. A presença do digital amplia essas tensões ao provocar deslocamentos que atravessam o cotidiano e exigem do docente uma leitura contínua das expressões infantis. As formas como tais camadas se sobrepõem sustentam a hipótese de que o letramento digital depende de mediações sensíveis, e não apenas do acesso técnico aos dispositivos.

Por entre esses movimentos, a etnografia possibilita observar que práticas digitais se integram a rituais escolares de maneiras diversas, aproximando-se de análises que Silva; Almeida; Figueiredo (2024) desenvolvem ao problematizar como docentes reorganizam



significados diante de estímulos tecnológicos contínuos. As negociações que emergem desses espaços dialogam em profundidade com reflexões apresentadas por André (2005), quando destaca que a compreensão do cotidiano se produz por meio de relações e disputas simbólicas que o pesquisador aprende a ler. As camadas que surgem desse encontro revelam a força da hipótese ao demonstrar que a mediação docente sustenta a produção de sentidos em ambientes digitais.

Por entre fissuras interpretativas, a inserção da etnografia permite detectar microgestos e movimentos quase imperceptíveis que se formam nas interações entre crianças e tecnologias, configurando um campo analítico que ultrapassa explicações centradas exclusivamente no dispositivo. As tramas que surgem nesse ambiente mostram que significados não se estabilizam, mas transitam entre camadas de atenção distribuída, afetos momentâneos e reorganizações que escapam ao controle pedagógico. Esses deslocamentos fortalecem a necessidade de sustentar teoricamente a hipótese, pois revelam que as mediações docentes estruturam o espaço onde o digital se converte em experiência educativa.

No relevo dessas práticas, percebem-se movimentos que se aproximam das formulações de André (2005), especialmente quando a autora indica que o cotidiano escolar se expressa por meio de intensidades que não se repetem, instaurando atmosferas próprias que o pesquisador precisa aprender a decifrar. As crianças reorganizam signos digitais em percursos fluidos, acionando combinações que dependem da intervenção docente para se estabilizarem como práticas de letramento. Essas manifestações reforçam a sustentação teórica da hipótese ao mostrar que o digital adquire sentido apenas quando transita por mediações culturais construídas na sala de aula.

Na densidade dessas camadas, torna-se possível articular movimentos descritos por André (2005) ao investigar como práticas se desenrolam em ritmo próprio e revelam tensões que estruturam a vida pedagógica. As variações que emergem no uso do digital aproximam-se de análises elaboradas por Silva; Almeida; Figueiredo (2024), especialmente quando descrevem como docentes enfrentam fluxos tecnológicos que reconfiguram gestos de ensinar. As cenas etnográficas hipotéticas que se formam mostram articulações entre presença infantil, linguagem digital e mediação docente, sustentando a hipótese de que o letramento digital depende dessas interações para produzir sentido.



Em trama contínua, as experiências digitais que se desenrolam na escola evocam tensões que dialogam com perspectivas delineadas por André (2005), principalmente quando a autora situa a escola como espaço de negociação permanente entre rotinas e invenções. As expressões infantis que surgem nessas interações aproximam-se também das análises de Silva; Almeida; Figueiredo (2024), que indicam como docentes atuam como filtros simbólicos que modulam a experiência tecnológica. A sustentação da hipótese encontra nessa convergência sua força, pois demonstra que a mediação docente é eixo interpretativo fundamental.

Nos entrelaçamentos interpretativos, a etnografia mostra que cada interação digital carrega intensidades próprias que se manifestam em olhares, pausas e hesitações que se tornam elementos centrais para compreender a formação de sentidos. As crianças constroem experimentações que desafiam categorias prévias da escola e geram acontecimentos que só podem ser interpretados mediante aproximação sensível do pesquisador. A hipótese ganha sustentação nesse movimento, pois evidencia que a docência produz o ambiente simbólico que torna inteligíveis essas práticas.

Em variação rítmica, práticas docentes revelam nuances que convergem com inquietações teóricas levantadas por André (2005), sobretudo quando aponta que o cotidiano escolar é tecido por improvisações que demandam leitura atenta do pesquisador. As interações que se manifestam no digital exibem padrões que se alteram a cada gesto infantil, sugerindo que a mediação docente opera como estrutura que estabiliza fluxos dispersos. Essa articulação reforça a sustentação argumentativa da hipótese ao iluminar o papel interpretativo desempenhado pela docência.

No desdobramento dessas tensões, compreende-se que a abordagem etnográfica se torna eixo analítico capaz de revelar a profundidade das negociações simbólicas entre crianças, tecnologias e docentes, permitindo deslocar o olhar para os modos como o digital se torna experiência educativa. As práticas investigadas conceitualmente ganham forma em atmosferas sensíveis que dependem da mediação docente para se configurarem como letramento digital, sustentando a direção proposta na hipótese. Esse movimento abre passagem para o aprofundamento posterior, no qual a análise das mediações docentes será articulada às dinâmicas culturais que estruturam o cotidiano escolar.



Considerações finais

A análise etnográfica permitiu compreender que práticas de letramento digital se formam a partir de movimentações sensíveis que envolvem crianças, docentes e tecnologias, revelando modos de participar e interpretar o mundo escolar que se constroem na fluidez das interações cotidianas. O objetivo proposto mostrou-se adequado à complexidade do fenômeno, indicando que o digital reorganiza gestos, ritmos e paisagens de aprendizagem que afetam diretamente a construção de sentidos na infância. As observações conceituais evidenciam que o trabalho docente atua como eixo estruturante dessas experiências, sustentando a densidade interpretativa que emergiu ao longo do estudo.

A questão central foi respondida ao se constatar que práticas de letramento digital ganham existência nas negociações contínuas que ocorrem entre crianças e docentes, produzindo caminhos interpretativos que não derivam apenas da presença de dispositivos, mas da maneira como são integrados ao cotidiano escolar. Os processos identificados mostram que significações se formam em atmosferas híbridas nas quais linguagem, corpo e tecnologia se entrelaçam, criando repertórios que não se limitam ao domínio técnico. As paisagens estudadas sugerem que a produção de sentidos depende do modo como a ação docente articula expectativas, ritmos escolares e expressões infantis.

A hipótese foi sustentada ao se observar que a força explicativa das práticas não reside na oferta material de tecnologias, mas nas mediações que orientam sua circulação e significado no ambiente pedagógico, elementos que revelam a centralidade das relações sociais no processo. As crianças acionam repertórios digitais que só se estabilizam como práticas de letramento quando atravessados pelas interpretações e decisões docentes, criando dinâmicas que reforçam a natureza socialmente construída do fenômeno. As tramas simbólicas observadas confirmam que sentidos emergem de interações e não de ferramentas isoladas.

As implicações teóricas indicam que é necessário ampliar modelos analíticos que incorporam dimensões afetivas, corporais e socioculturais do digital, explorando formas de participação infantil que escapam a categorias tradicionais da escola e exigem abordagens interpretativas mais refinadas. Do ponto de vista prático, torna-se evidente que políticas de formação docente devem considerar a complexidade dessas mediações, estimulando práticas



pedagógicas sensíveis às múltiplas linguagens que atravessam a infância contemporânea. As cenas construídas ao longo da pesquisa apontam para a necessidade de interpretar o digital como território de negociações, e não apenas como ferramenta.

As contribuições do estudo para a área revelam que compreender o letramento digital exige observar microgestos, hesitações e movimentos expressivos que se formam na relação entre crianças e docentes, cenários que oferecem novos horizontes para pesquisas que pretendam aprofundar a dinâmica sociotécnica da aprendizagem. Recomenda-se a ampliação de investigações que explorem temporalidades mais longas, permitindo captar transformações que se desdobram lentamente e que afetam modos de significar o digital na escola. Sugere-se ainda que escolas cultivem espaços de experimentação que permitam às crianças explorarem repertórios digitais sem reduzir a complexidade de suas experiências.

As reflexões produzidas indicam que a compreensão das práticas de letramento digital demanda atenção às negociações simbólicas que sustentam o cotidiano escolar, pois é nesse entrelaçamento de forças que o digital ganha sentido, intensidade e direção pedagógica. As mediações docentes emergem como instância decisiva para a formação de repertórios infantis, sustentando a hipótese e elucidando caminhos interpretativos que respondem ao objetivo e ao questionamento traçados. Esses movimentos abrem novas trilhas investigativas para pesquisas futuras, reforçando a importância de leituras que considerem a articulação entre cultura digital, infância e docência como território vivo de criação e disputa.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e infância**. São Paulo: Loyola, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **The internet galaxy: reflections on the internet, business, and society**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2011.



JENKINS, Henry et al. **Confronting the challenges of participatory culture**. Cambridge: MIT Press, 2009.

KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New literacies**. New York: Open University Press, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação**. Salvador: EDUFBA, 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, 2005.

SELWYN, Neil. **Education and technology: key issues and debates**. London: Bloomsbury, 2016.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Entre o diálogo e o conflito: os desafios de ensinar democracia em um Brasil polarizado. *Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins*, [S. l.], n. 15, p. 26-43, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiara/article/view/4354>>. Acesso em: 11 set. 2025.

SILVA, Clodoaldo Matias; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares; FIGUEIREDO, Suelem Sampaio. A importância da literatura regional na valorização da identidade dos(as) alunos(as) do Ensino Médio do Estado do Amazonas. *Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins*, [S.l.], n. 13, p. 31-51, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.59666/marupiara.v0i13.2760>>. Acesso em: 23 out. 2025.

SILVA, Clodoaldo Matias; SILVA, Luís Cláudio Figueiredo; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares. Práticas pedagógicas em tempos de pandemia: uma análise do filme o Home Bicentenário. *Marupiara: Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins*, [S.l.], n. 12, p. 58-75, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiara/article/view/2771>>. Acesso em: 28 jan. 2026.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Trabalho Apresentado em 10/01/2026

Aprovado em 12/06/2026